



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA**

JOSSUENYA DE OLIVEIRA FIGUEIREDO

**PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA EJA: UMA PERSPECTIVA PRESENCIAL E
REMOTA**

Orientador: Prof^a Timothy Denis Ireland

**JOÃO PESSOA-PB
2021**

JOSSUENYA DE OLIVEIRA FIGUEIREDO

**PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA EJA: UMA PERSPECTIVA PRESENCIAL E
REMOTA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Bacharelado de Pedagogia do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciatura em Pedagogia.

Orientador(a): Prof. Dr^a. Timothy Denis Ireland

**JOÃO PESSOA-PB
2021**

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

F475p Figueiredo, Jossuenya de Oliveira.

Práticas pedagógicas na EJA: uma perspectiva
presencial e remota / Jossuenya de Oliveira Figueiredo.
- João Pessoa, 2021.
42 f. : il. .

Orientação: Timothy Denis Ireland.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
Pedagogia) - UFPB/CE.

1. Práticas pedagógicas. 2. Educação de jovens e
adultos. 3. Professor - sala de aula. I. Ireland,
Timothy Denis. II. Título.

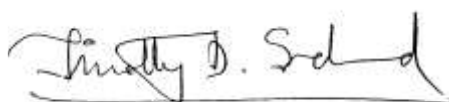
UFPB/BS/CE

CDU 374.7(043.2)

PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: UMA
PERSPECTIVA PRESENCIAL E REMOTA

Aprovado em, 06.12.2021

BANCA EXAMINADORA



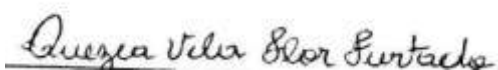
Prof. Dr. Timothy Denis Ireland

ORIENTADOR - UFPB



Prof. Dr. Fábio do Nascimento Fonseca

EXAMINADOR UFPB



Profa. Dra. Quêzia Vila Flor Furtado

EXAMINADORA UFPB

RESUMO

As práticas pedagógicas são atividades planejadas que visam desenvolver a capacidade reflexiva do professor e do aluno sobre o exercício profissional da docência e discência. Também constituem ferramentas que o professor possui para desenvolver suas aulas de forma didática, metodológica, construindo o conhecimento científico, através do conhecimento empírico e articulando as práticas com o contexto dos sujeitos discutidos, que são os sujeitos da Educação de Jovens e Adultos (EJA). Por ser um público específico, é fundamental entender suas especificidades, antes de tudo. Assim, o presente estudo foi desenvolvido baseado nas experiências de estágio como elemento obrigatório do Curso de Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba. O objetivo geral foi o de investigar as práticas pedagógicas das professoras da EJA, do ciclo I, em duas escolas, sendo uma municipal e outra estadual, ambas de João Pessoa. Uma das escolas foi observada durante o período em que as aulas foram realizadas presencialmente, já a outra escola foi observada em um contexto totalmente diferente, no contexto remoto, em virtude da pandemia, do vírus COVID-19. Para captar essas duas realidades, foram feitas visitas de observação, diagnose, interação com as turmas, regências, e entrevistas com as professoras supervisoras da turma de estágio. Também foi elaborado um questionário destinado a outros professores da EJA, contendo 15 questões. Os resultados foram analisados através do google forms, utilizando como critério a frequência das respostas dos participantes e os conteúdos extraídos das respostas. Os resultados demonstraram que a maioria dos professores atuaram presencialmente e remotamente e se adaptaram às realidades distintas de acordo com as metodologias inspiradas na abordagem freireana.

Palavras-chave: Práticas Pedagógicas, Educação de Jovens e Adultos (EJA), professores, Freire.

ABSTRACT

Pedagogical practices are planned activities which seek to develop the reflexive capacity of the teacher and student concerning the professional exercise of teaching and learning. They also constitute tools which the teacher uses to prepare classes in a didactic and methodological form, constructing scientific knowledge, by means of empirical knowledge and articulating these practices with the context of the subjects under discussion, who are the subjects of Adult and Youth Education (AYE). As this is a specific public, it is fundamental to understand the specificities of the public, above all else. The present study was carried out based on the experience of teaching practice which is an obligatory element of the Course of Pedagogy at the Federal University of Paraiba. The general objective was to investigate the pedagogical practices of 1st Cycle AYE teachers, in two schools, of which one was Municipal and the other State, both in the city of João Pessoa. One of the schools was observed during the period in which face-to-face classes were still being held and the other in a totally different context, via remote teaching strategies, as a consequence of the COVID-19 pandemic. In order to capture these two realities, we carried out observation and diagnostic visits, which included interaction with the classes, teaching and interviews with supervisors of the placement class. A questionnaire was also elaborated destined to other AYE teachers, containing 13 items. The results were analysed by means of Google Forms, using as criteria the frequency of participants' answers and the contents contained in those answers. The results demonstrate that the majority of teachers worked face-to-face and remotely and adapted to the distinct realities in accordance with methodologies inspired by a Freirean approach.

Key words: Pedagogical practices, Adult and Youth Education (AYE), Teachers, Freire.

SUMÁRIO

1 – INTRODUÇÃO	7
2 – JUSTIFICATIVA	8
3 – OBJETIVOS	11
3.1 GERAL.....	11
3.2 ESPECÍFICOS.....	11
4 – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	11
4.1. QUEM SÃO OS SUJEITOS DA EJA? QUESTÕES REFLEXIVAS.....	11
4.2 OS SUJEITOS E SUAS EXPERIÊNCIAS SOCIAIS COMO INSPIRAÇÕES PARA A PEDAGOGIA DO OPRIMIDO.....	14
4.3 FORMAÇÃO DE PROFESSORES.....	16
4.4 PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NO CONTEXTO PRESENCIAL.....	21
4.5 PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NO CONTEXTO REMOTO.....	24
5 – MÉTODO.....	27
5.1. DELINEAMENTO.....	27
5.2 PARTICIPANTES.....	29
5.3 INSTRUMENTOS.....	29
5.4 PROCEDIMENTOS.....	29
5.5 ANÁLISE DE DADOS.....	30
6 – RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	30
7 – CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	34
REFERÊNCIAS.....	36
APÊNDICE.....	40

1 INTRODUÇÃO

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é uma modalidade de ensino destinada a pessoas que por inúmeros motivos não tiveram acesso à escolarização no ensino regular. Este modelo de educação está previsto na Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional (9.394/96). Nesse sentido, essa modalidade de ensino deve ser pensada na perspectiva da garantia do direito ao acesso à escolarização por parte desta população. O poder público deve proporcionar todas as condições necessárias para que os jovens e adultos tenham acesso a EJA. Acesso é uma palavra bem condicionada nos últimos tempos, devido aos últimos acontecimentos emergenciais envolvendo a saúde e a educação.

Apesar dessa garantia estar no documento formativo LDB (Lei de Diretrizes e bases) de 10 de maio de 2000 é aprovada as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação de Jovens e Adultos (Parecer CNE/CEB 11/2000 e Resolução CNE/CEB 1/2000), devem ser observadas na oferta e estrutura dos componentes curriculares dessa modalidade de ensino, estabelece que como modalidade destas etapas da Educação Básica, a identidade própria da Educação de Jovens e Adultos considerará as situações, os perfis dos estudantes, as faixas etárias e se pautará pelos princípios de equidade, diferença e proporcionalidade na apropriação e contextualização das diretrizes curriculares nacionais e na proposição de um modelo pedagógico próprio.

No Artigo 6º diz que cabe a cada sistema de ensino definir a estrutura e a duração dos cursos da Educação de Jovens e Adultos, respeitando as diretrizes curriculares nacionais, a identidade desta modalidade de educação e o regime de colaboração entre os entes federativos.

A atual situação deixa a desejar, certamente devido a trajetória da EJA ao longo da história que é marcada por várias dificuldades e lutas. Soek, Haracemiv e Stoltz (2010, p. 21) sabiamente sintetizam que “a Educação de Jovens e Adultos emerge de um movimento de luta, desafios e conquistas da educação escolar”. Ao longo dos anos, alguns avanços mais regados de retrocessos.

Alguns desafios, como por exemplo: as diferenças de idade entre os jovens e adultos, a evasão, falta de recursos, falta de políticas públicas específicas para esta modalidade, falta de professores especializados para atuarem nessa distinta realidade, falta de concursos públicos de professores direcionadas para este público

específico, bem como os desafios dos próprios docentes, relacionado a adaptação de cada contexto.

Nessa perspectiva, o propósito desta pesquisa é refletir sobre as práticas pedagógicas desenvolvidas nas salas de aula da EJA, tendo como contexto a realidade da Escola Estadual Nicodemos Neves, no contexto presencial. De modo mais específico nas turmas dos ciclos I da EJA, na referida escola, que pertence à rede estadual da Paraíba, no município de João Pessoa.

Também na Escola Municipal de Ensino Fundamental Jornalista Raimundo Nonato Batista, especificadamente na turma do Ciclo I da EJA, também do município de João Pessoa, porém no contexto remoto. Assim se investigará neste trabalho, a seguinte questão: Como práticas pedagógicas inadequadas e docentes despreparados podem prejudicar os jovens e adultos que buscam a EJA em diferentes contextos.

Sabe-se que ainda existem falta de conhecimento e preparo por parte dos docentes para atuarem de forma correta nessa modalidade de ensino. Com isso acabam colaborando com o aumento da evasão e com a desmotivação dos discentes em relação ao processo educativo.

No decorrer da nossa formação acadêmica, nos apropriamos de diferentes conhecimentos, nos deparamos com muitas correntes de pensamentos como a tradicional, a comportamental, a montessoriana, a tecnicista, a libertadora, dentre tantas outras e também diferentes teorias de aprendizagem, como o behaviorismo, o cognitivismo, o construtivismo e o interacionismo que tem sua base epistemológica na teoria de Vygotsky – interacionista: “aprendo a viver em sociedade através das interações, e é por meio da linguagem que me aproprio deste conhecimento.

Temos que aprender aliar, teoria e prática e vejo o estágio como indispensável para formação de um profissional que deseja estar preparado para enfrentar os desafios que sua profissão exige e para que essas teorias aprendidas possam ser aplicadas. A teoria sem a prática vira verbalismo, assim como a prática sem a teoria vira ativismo. No entanto, quando se une a prática com a teoria tem-se a práxis, a ação criadora e modificadora da realidade (FREIRE, 2005, p. 87).

2 JUSTIFICATIVA

Após cursar a disciplina de EJA no curso de Pedagogia, passamos a conhecer um pouco mais de perto essa distinta realidade. O pensamento, então, foi mudando e passamos a enxergar esse público com outros olhos e a compreender os inúmeros motivos que levaram esses alunos a evadirem da escola.

Dos meus estágios supervisionados, tive o privilégio de estagiar presencialmente e remotamente, tendo em vista as observações que fiz das aulas e das entrevistas com os docentes que atuam na EJA, o conhecimento mais aprofundado dos colégios e profissionais. Pude observar, durante o contexto presencial, a maneira como os professores trabalhavam os conteúdos, traziam para a sala de aula atividades que não condizem com o perfil dos educandos da EJA. Algumas dessas atividades, inclusive, que são idênticas às desenvolvidas para crianças da educação infantil e ensino fundamental.

Segundo Pinto (1987), “tratar o aluno da EJA como criança é inadequado, pois não considera o adulto como um ser de saberes e ignora seu desenvolvimento e conhecimento”. Quando um professor propõe atividades que não condizem com o perfil dos alunos, a aula se torna desinteressante, impedindo assim a aproximação dos conteúdos com a realidade deles. No entanto, não somente isto, a própria postura que o professor possui perante os jovens e adultos da EJA, é semelhante à postura que os professores possuem com as crianças, a forma de tratá-los, ao interagir e emitir opiniões sobre os conteúdos estudados.

Já no período de pandemia, devido a COVID 19, as escolas em geral adotaram o ensino remoto. Pude perceber um contexto totalmente diferente, o que eu achei extraordinariamente satisfatório e surpreendente, no sentido docente e das práticas pedagógicas serem tão assertivas e desenvolvidas especificadamente para o público na qual senti tanta falta presencialmente.

Essas práticas me inquietaram e despertaram em mim o interesse de pesquisar sobre essa temática e buscar identificar estratégias para que as inadequações de natureza pedagógica não se repetissem e que os jovens e adultos tivessem suas histórias de vida, muitas delas tecidas na exclusão, respeitadas e levadas em consideração no processo de ensino-aprendizagem, seja ela em qual contexto estiver.

Percebi também que muitos professores que atuam na EJA, vêm de diversas áreas de formação. São preparados para trabalhar no ensino dito regular e acabam ingressando nessa modalidade por inúmeros motivos, como exemplo: aumentar a

renda, mais que isso, completar horário e com isso quem acaba sofrendo é a turma, que fica diante de um profissional que geralmente não tem nenhuma ou pouca identificação com esta modalidade e que lecionam de forma muito semelhante à forma que ensinam para as crianças no outro período do dia.

O aluno desta modalidade deve ser tratado, levando-se em consideração sua experiência, seu desenvolvimento e sua carga de conhecimentos populares. Quando um professor propõe atividades que não condizem com o perfil dos alunos, a aula se torna desinteressante, impedindo assim a aproximação dos conteúdos com a realidade dos mesmos.

A formação dos professores para atuarem na EJA, precisa considerar que o público atendido carrega consigo uma longa trajetória de vida e experiências que precisam ser consideradas no ambiente da troca de aprendizagens. Por isso escolhi esse tema, para tentar sugerir melhorias pautadas nos ideais de Paulo Freire, visando a formação de um educador comprometido com o ensino de jovens e adultos que leve em consideração o meio no qual o aluno está inserido, suas especificidades e também a troca de experiências.

Para que o ensino e a aprendizagem de fato se efetivem, e que a proposta político-pedagógica esteja alicerçada a uma pedagogia crítica, capaz de desafiar o educando a pensar criticamente a realidade social, política e histórica faz-se necessário uma escola capaz de trabalhar um currículo significativo, preparada

Acredito que o aprendizado se dá pela troca de experiências e que o professor não é o detentor do conhecimento e sim apenas o mediador. Este mediador facilita e é indispensável pedagogicamente para que haja aprendizagem e aprendizagem significativa.

A proposta citada no parágrafo acima é a noção de consciência crítica como conhecimento e prática de classe. É uma pedagogia da consciência, em termos educacionais, é uma proposta antiautoritária, em que professores e alunos ensinam e aprendem juntos, engajados num diálogo permanente.

Segundo Paulo Freire (1996, p.47) “Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”. Freire acreditava que o aprendizado se dá pela troca de experiências e que o professor não é o detentor do conhecimento e sim apenas o mediador.

Essa proposta educacional é que deve ser adotada, não só pelos professores que atuam na EJA, mas por todos os professores comprometidos com a educação que transforma os alunos em sujeitos críticos, reflexivos e capazes de reconhecer sua posição na sociedade.

3 OBJETIVOS

3.1 Objetivo Geral:

Investigar as práticas pedagógicas das professoras do ciclo I no contexto presencial e remoto.

3.2 Objetivos Específicos:

- a) Caracterizar as práticas pedagógicas das professoras do ciclo I na educação de jovens e adultos presencial e remoto;
- b) Observar como se desenvolvem as atividades com os alunos da EJA no ciclo I nas referidas escolas.
- c) Identificar as práticas e atividades conforme as perspectivas que diferem na EJA;

4 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

4.1 Quem são os sujeitos da EJA? Questões reflexivas.

Pesquisando sobre o tema “Práticas pedagógicas na educação de jovens e adultos”, nos deparamos com um vasto material sobre a temática e percebemos com isso que esse assunto é algo recorrente quando se trata da EJA. A seguir discutiremos sobre práticas pedagógicas que são inseridas e aplicadas neste contexto, de forma inadequada, o porquê que isso acontece, bem como destacar quem é o sujeito da EJA, algumas questões para refletir sobre este público. Afinal, existe apenas uma prática pedagógica adequada? Como devemos proceder ao lecionar na EJA? Quais as práticas e metodologias devemos desenvolver enquanto docentes?

Considerando essas questões, o pontapé inicial vai tratar deste modelo de educação que está previsto na Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional (9.394/96):

Art. 37. Os sistemas de ensino assegurarão gratuitamente aos jovens e adultos, que não puderam efetuar os estudos na idade regular, oportunidades educacionais apropriadas, considerando as características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho, mediante cursos e exames.

Claramente, a lei garante a oportunidade de inserção educacional para os sujeitos que tiveram seus estudos interrompidos no ensino regular. Logo, se já tiveram essa ruptura na vida acadêmica, percebe-se que são sujeitos específicos, com identidade própria, sujeitos com conhecimentos, aptos a ensinar e aprender, porque são seres humanos com conhecimentos empíricos, cheios de vontade de aprender, mas igualmente acabam nos ensinando. E, na verdade, alguns questionamentos nos levam a entender melhor sobre as práticas pedagógicas, o primeiro deles seria: Quem são esses sujeitos? Quais as suas especificidades? Quais as dificuldades enfrentadas para a continuidade?

Antes de tudo, é preciso identificar quem são esses sujeitos, para que haja uma melhor compreensão da inserção desse público na educação, enquanto práticas pedagógicas. O público da EJA tem suas especificidades. Trata-se de pessoas que são excluídas da sociedade escolarizada. Alguns pararam de estudar por obrigações familiares, tendo que ajudar na renda em casa, cuidar dos irmãos, trabalhar mais cedo, outros que não tiveram simplesmente a oportunidade de inserir-se em uma escola, pela distância e afazeres. Muitos são de interiores, cidades pequenas, comunidades, pobres e de periferias.

Para Paiva e Sales (2013), não há como definir e perfilar esses sujeitos. Resta formular perguntas, na tentativa de categorizá-los: quem são os jovens ou os adultos? Por quê querem continuar? A que outros processos de aprendizagem se integram? Ainda conforme os autores, o importante, no caso da EJA, é ressaltar que: “Pertencimento aos extratos mais empobrecidos da sociedade parece ser uma marca forte na constituição da identidade dos sujeitos da EJA, ou seja, os sujeitos da EJA são incluídos de uma forma que sejam úteis para o sistema. São os “excluídos da sociedade”

Sujeitos excluídos e reincluídos que tem vozes que contam suas histórias, falam de suas lutas e sonhos, motivam o campo da educação a almejar mais e rever

conceitos. A escola, para essas pessoas, deveria ser de outro espaço e tempo, em que a verticalização das normas e condutas, poderia ser reelaborada, debatida, e em conjunto, alterada para o bem comum, uma escola aberta a essas novas identidades juvenis (CARRANO, 2007).

Em sua maioria o perfil dos alunos da EJA, são trabalhadores em busca de melhores condições de vida e que buscam vencer as barreiras da exclusão provocadas por um sistema educacional excludente. Segundo Pedroso:

O público atendido pela EJA é de pessoas que na idade regular não puderam estudar, ou por não se sentirem atraídos pelo conteúdo escolar acabaram deixando a escola. Isto acaba gerando uma exclusão dos indivíduos analfabetos dentro da sociedade e da própria escola. Muitos são os problemas que dificultam o ingresso de pessoas no ensino na idade regular, alguns destes problemas são: gravidez precoce, drogas, desinteresse, condições financeiras. (2010).

Grande parte do público da EJA é constituída de jovens e adultos com 15 anos ou mais, que por algum motivo não tiveram a oportunidade de concluir os estudos na idade certa ou desistiram de estudar, abandonando a escola. São sujeitos que foram excluídos da sociedade letrada, impedindo-os de participar ativamente nas questões políticas, culturais e sociais desta sociedade moderna.

O quadro de alunos da EJA é formado por pessoas que não tiveram a oportunidade quando menores em frequentarem uma instituição de ensino, por diversos motivos: ter que ajudar na renda familiar, desempenharem determinadas tarefas domésticas ou rurais. Há também aqueles que entraram muitas vezes na escola, mas que acabaram evadindo

Diante desse contexto, muitos deles procuram a EJA, para buscar melhorias em sua vida, seja para empregar-se formalmente ou subir de cargo, ou porque são dependentes de pessoas para leitura. Segundo Arroyo (2005), a EJA não existe somente para suprir carências, ela é um direito de indivíduos que trazem trajetórias escolares específicas e histórias de vida singulares.

De um modo geral, os sujeitos da EJA são tratados como uma massa de alunos, sem identidade, qualificados sob diferentes nomes, relacionados diretamente ao chamado "fracasso escolar".

Arroyo (2001) ainda chama a atenção para o discurso escolar que os trata, a priori, como os repetentes, evadidos, defasados, aceleráveis, deixando de fora

dimensões da condição humana desses sujeitos, básicas para o processo educacional.

Por essa singularidade, nos dirigimos a uma faixa etária diferenciada, com características próprias. Primeiramente, jovens e adultos não podem ser tratados como crianças, pois já trazem toda uma trajetória de vida e especificidades que precisam ser respeitadas. De acordo com Freire (1987), “são pessoas que não tiveram infância, ou tiveram uma infância frustrada, têm vergonha de si mesmos, possuem complexo de inferioridade diante da sociedade que os oprime e os discrimina”.

O autor ainda enfatiza que teimar em reduzir direitos a favores, à assistência, à suplência, ou a ações emergenciais é ignorar os avanços na construção social dos direitos, entre eles à educação de jovens e adultos (ARROYO, 2005, p. 28). A escola tem uma responsabilidade de mediar o contexto social, o direito a educação e a os direitos e deveres dos alunos, dando a eles a oportunidade de construir o conhecimento científico, além do empírico, “propostas mais próximas da especificidade das vivências dos jovens-adultos populares, propostas que veem a EJA como um tempo de direitos de sujeitos específicos e em trajetórias humanas e escolares específicas” (ARROYO, 2005, p. 29).

4.2 Os sujeitos e suas experiências sociais como inspirações para a Pedagogia do Oprimido

Educar jovens e adultos é saber valorizar o que eles já sabem, procurando estabelecer conexões entre o ensino e a realidade na qual estão inseridos. Era isso que Paulo Freire tentava colocar sempre em prática com seu método de alfabetização, o respeito as especificidades desse grupo. De acordo com FREIRE:

Nenhuma pedagogia realmente libertadora pode ficar distante dos oprimidos, quer dizer, pode fazer deles seres desditados, objetos de um "tratamento" humanitarista, para tentar, através de exemplos retirados de entre os opressores, modelos para sua "promoção". Os oprimidos hão de ser exemplo para si mesmos, na luta por sua redenção (1987, p. 45).

É discutido que dentro de cada pessoa oprimido existe um opressor e para que seja construída a pedagogia da libertação se faz necessário que o oprimido tenha consciência que existe um opressor dentro dele para quando deixar de ser um oprimido não se tornar um opressor, ou seja, O grande problema está em como os

oprimidos, que “hospedam” o opressor em si, participar da elaboração, como seres duplos, inautênticos, da pedagogia de sua libertação.

Somente na medida em que se descubram “hospedeiros” do opressor poderão contribuir para o partejamento de sua pedagogia libertadora. Enquanto vivam a dualidade na qual ser é parecer e parecer é parecer com opressor, é impossível fazê-lo. A pedagogia do oprimido que não pode ser elaborada pelos opressores, é um dos instrumentos para esta descoberta crítica – a dos oprimidos por si mesmos e a dos opressores pelos oprimidos, como manifestação da desumanização (FREIRE, 1987, p. 32). Diante das afirmações citadas, é visto que Freire traz essa pedagogia libertadora, mas quando o oprimido percebe o seu lugar, eles não procuram se libertar, eles tornam-se opressores também, é como se estivessem na mesma pessoa, precisando compreender o que carrega dentro de si.

Como inspiração e exemplo temos o relato de Carolina Maria de Jesus, que nasceu em 14 de março de 1914, na cidade de Sacramento, em Minas Gerais, numa comunidade rural, de pais analfabetos. E também o livro de Paulo Freire - Pedagogia do Oprimido. Ambos tratam de um relato pessoal. Carolina, através de diários, vai contar a sua realidade, que representa a de muitos brasileiros e principalmente brasileiras (jovens e adultos) oprimidos. Já de outro lado, um livro que vai além de um relato, uma consciência pedagógica de forma crítica, relata uma experiência baseado em sua trajetória e suas experiências enquanto oprimido porque foi escrito em um momento de exílio do autor, voltado para a educação e os sujeitos da EJA, tendo em vista a visão de uma sociedade dividida em classes.

No relato de Carolina Maria de Jesus, em seu diário, estamos diante de uma dura realidade pautada na crítica, de uma mulher negra que sofreu marcas do sofrimento, dos maus tratos, da fome, desde criança. Ela mesma constrói seu barraco, na favela, em Canindé, além de tudo, mãe de três filhos. A dureza do que é ser mãe de três filhos e não poder compartilhar de alimentos, as dificuldades financeiras, oportunidades não dadas, desigualdade social e racial, preconceito, racismo e o principal: “a fome”. Esse diário foi publicado há 60 anos, mas é uma realidade tão presente em nosso país.

Quantos brasileiros não passam por dificuldades iguais, ou piores? Fico a imaginar se tivesse a oportunidade de ler diários escritos pelos moradores de favela do nosso país, quantas famílias vivem no mesmo contexto familiar e dificuldade

financeira, a ponto de passar fome com a sua família. Ainda na mesma linha de raciocínio, vou além, fico a imaginar este quadro dentro de uma sala de aula. Eu como futura pedagoga e profissional da educação brasileira, recebendo sujeitos que vivem na mesma realidade que Maria Carolina de Jesus, qual o olhar pedagógico, voltado para sujeitos nesta realidade? É sobre essa questão que posso adentrar no Paulo Freire e seu livro da Pedagogia do Oprimido.

Segundo Freire (1987), seu livro contém duas ideias centrais, duas pedagogias: a pedagogia do oprimido e a pedagogia do opressor. A pedagogia do oprimido faz alusão a uma prática dominante: a pedagogia do opressor traz uma educação libertadora. Gostaria de frisar que ele traz que o movimento da liberdade deve ser feito pelo oprimido. O oprimido deve ter a consciência crítica da opressão. O opressor vem de um ritual de desumanização, através de posicionamentos injustos, desiguais e violentos. Essa fala encaixa-se perfeitamente nos diários de Carolina Maria de Jesus, que se torna uma oprimida, através da pedagogia libertadora.

Por falar em liberdade, a pedagogia freireana vai tratar dois pontos: sobre educação bancária, que é composta por práticas pedagógicas em que o professor é o protagonista do processo de ensino aprendizagem e sobre a educação libertadora, em que o protagonista do processo de ensino aprendizagem é o aluno. Não há a prática de transferência de conhecimentos, mas através da vivência, do cotidiano, do contexto no qual o sujeito está inserido, havendo assim o compartilhamento de experiências, tendo em vista que na prática da EJA. O método da educação libertadora, vai além de uma alfabetização, de formar leitores, ou decifradores de código. Tem a ver com a humanização, um olhar politizado, que depende de futuros pedagogos em formação, como eu.

4.3 Formação de professores

Em relação à qualidade formal, em geral, o educador que trabalha com a Educação de Jovens e Adultos não tem formação adequada para atuar nesta modalidade de ensino e não tem recebido atenção necessária nos cursos de formação de professores. Pelo contrário, muitas vezes os educadores que atuam na EJA estão ausentes de boa parte dos debates das políticas públicas centradas na questão das relações entre escola e sociedade (GATTI, 1997).

Podemos dizer que muitos discentes saem da universidade para o campo profissional sem terem o conhecimento necessário para atuar com esse público diferenciado (quando falamos diferenciado, estamos nos referindo ao fato que a educação com os alunos Jovens e Adultos, requer um ensino diferente da oferecida para as crianças).

Faz-se necessária uma qualificação dos profissionais envolvidos neste processo. É fundamental que a equipe docente esteja bem preparada. Por este motivo, é extremamente importante uma formação continuada, em que todos tenham a oportunidade de repensar a sua prática. Pois, a formação continuada, voltada para a aprendizagem contínua do professor, para que ele esteja sempre atualizado dos direitos e deveres, da constituição federal e das práticas pedagógicas é um processo possível para a melhoria da qualidade do ensino, dentro do contexto educacional contemporâneo.

Vale ressaltar também, que, além da formação contínua, há uma especificidade formativa curricular do docente que assumirá a responsabilidade desse público. Precisamos de pessoas competentes para implantar o concreto, como escreve Arroyo (2007) “A EJA tem que ser uma modalidade de educação para sujeitos concretos, em contextos concretos, com histórias concretas, com configurações concretas”.

A falta de formação teórico-metodológica, pode ser resultado da baixa iniciativa de formação inicial para EJA, também a falta de concursos públicos para educadores nesta modalidade. Muitos dos docentes que atuam nesse espaço, não o fazem como sua primeira escolha e a falta de formação específica resulta em um trabalho incoerente com a necessidade dos educandos.

Segundo Freire (1996, p. 58) "Ninguém nasce educador ou marcado para ser educador. A gente se faz educador, a gente se forma, como educador, permanentemente, na prática e na reflexão da prática", ou seja, é preciso investir também nas iniciativas de formação continuada para que os professores conheçam o campo em que a Educação de Jovens e Adultos está inserida, podendo assim refletir em sua prática, pois quando a reflexão permear a prática, docente e de vida, a formação continuada será exigência para o campo pedagógico da EJA. De acordo com Ribas e Soares (2012, p. 5):

“faz-se necessário uma qualificação dos profissionais envolvidos neste processo, é fundamental que a equipe docente esteja bem preparada, por este motivo é extremamente importante uma formação continuada, onde todos tenham a oportunidade de repensar a sua prática. Pois, a formação

continuada é um processo possível para a melhoria da qualidade do ensino, dentro do contexto educacional contemporâneo.”

Ensinar adultos exige cuidados para não os tratar como crianças. Esse cuidado é um dos pontos fundamentais para que o trabalho funcione e caminhe com êxito. Por isso, o professor precisa fazer mais do que adaptações, através da compreensão prática, especificar as escolhas pedagógicas, como na escolha dos temas, na abordagem e no tratamento que dá a turma, porque o tratamento infantilizado pode afastar os alunos da sala de aula.

Segundo Oliveira (2007), um dos principais problemas encontrados na Educação de Jovens e Adultos é a infantilização dos discentes, em que:

Não importando a idade dos alunos, a organização dos conteúdos a serem trabalhados e os modos privilegiados de abordagem dos mesmos seguem as propostas desenvolvidas para as crianças do ensino regular. Os problemas com a linguagem utilizada pelo professorado e com a infantilização de pessoas que, se não puderam ir à escola, tiveram e têm uma vida rica em aprendizagens que mereceriam maior atenção, são muitos. (OLIVEIRA, 2007, p. 88)

De acordo com a autora, percebemos que a infantilização dos discentes é um dos grandes problemas encontrados na EJA, pois muitos professores desenvolvem métodos de ensino parecidos, se não iguais aos de crianças, ainda no início da escolarização. No entanto, não podemos deixar de levar em consideração que esses discentes são adultos, providos de experiências extraescolares, ou seja, experiências materiais da vida.

É importante destacar algo rotineiro enquanto docentes já formados e atuantes. Alguns dos profissionais que atuam na EJA são os mesmos professores que lecionam na educação básica formal diurnamente. E o que acontece? Devido ao trabalho do profissional ser três turnos, ele acaba utilizando as mesmas práticas que são aplicadas às crianças, as mesmas atividades, a mesma metodologia, afim de facilitar o trabalho docente. Sabemos que isto nunca funcionou. Portanto, o planejamento adequado para essa modalidade é fundamental para que o professor atue de acordo com a realidade dos educandos, levando em consideração suas especificidades e o meio no qual está inserido.

De acordo com Libâneo (1994), o planejamento escolar é uma tarefa docente que inclui tanto a previsão das atividades didáticas em termos de organização e coordenação em face dos objetivos propostos, quanto a sua revisão e adequação no

decorrer do processo de ensino. O planejamento de aula é um instrumento essencial para o professor elaborar sua metodologia conforme o objetivo a ser alcançado, tendo que ser criteriosamente adequado para as diferentes turmas, havendo flexibilidade caso necessite de alterações.

As aulas e atividades devem ser pensadas de uma maneira que desperte no aluno a curiosidade, o interesse por aquele determinado tema. Segundo Alves (2003, p.8) “A curiosidade é a voz do corpo fascinado. A curiosidade quer aprender o mundo. A curiosidade jamais tem preguiça”. Sendo assim, a curiosidade é uma das formas de se aprender com prazer. “Sem a curiosidade que me move, que me inquieta, que me insere na busca, não aprendo nem ensino” (Freire, 1996, p.87), uma vez que devemos estar sempre buscando novos aprendizados para compor o que já temos.

Na obra de Paulo Freire, intitulada Pedagogia da Autonomia, também podemos destacar a importância dessa curiosidade no processo de aprendizagem: “o exercício da curiosidade convoca a imaginação, a capacidade de conjecturar, de comparar, na busca da perfilização do objeto ou achado de sua razão de ser” (FREIRE, 1996, p.88). Portanto, um trabalho satisfatório com os educandos da EJA, necessita de conhecimentos específicos, de uma prática bem fundamentada, não podendo em hipótese alguma utilizar as mesmas atividades desenvolvidas com crianças nos anos iniciais.

O ato educativo deve estar fundamentado na perspectiva de tornar os envolvidos nesse processo em cidadãos críticos e para que o pensamento crítico e reflexivo seja alcançado, é preciso que, desde o início da formação do ser, seja cultivado o hábito de conhecer através da indagação, para que a compreensão do mundo e de si mesmo faça-o ir além do que está diante dos próprios olhos, podendo, dessa maneira, criar, gerar, construir, transformar, e não meramente reproduzir.

São vários os autores que se referem à importância da criticidade na educação, pois a prática educativa é acima de tudo um desafio, onde é preciso estar todo o tempo se questionando, revendo conceitos, vencendo preconceitos, quebrando paradigmas. Ou seja, fazendo constantemente o que Freire chama de leitura de mundo que precede à leitura da palavra. Para o autor só descobrimos o mundo quando nós descobrimos no mundo.

Ao refletir sobre a formação do docente para atuar na Educação de Jovens e Adultos, é importante pensar que este docente está inserido em uma realidade

específica, onde os educandos trazem consigo contribuições de suas experiências que devem auxiliar e facilitar o trabalho do educador.

Segundo BANNEL (2001, p.122)

“cada sala de aula está inserida em um contexto sociocultural, que é plural, marcado pela diversidade de grupos e classes sociais, visões de mundo, valores, crenças, padrões de comportamentos, etc., uma diversidade que está refletida na sala de aula”.

Assim, a diversidade, a realidade desses educandos, deve também, nortear a prática do professor.

Enfim, a educação de jovens e adultos encontra-se diante de antigos e novos desafios para melhorar a sua qualidade como um todo. Dentro desses desafios, está a formação de professores para atuar nesta modalidade de ensino. Outro grande desafio consiste na busca do conhecimento para inovar a sua prática, se capacitando para atender as demandas da realidade na qual educador e educando estão inseridos.

É necessário que o professor não se restrinja apenas a sala de aula, mas perceba que ele é parte integrante e responsável da escola e, porque não, da própria sociedade.

E esse professor que atua ou que pretende atuar na EJA deve procurar conhecer a realidade dessa modalidade, os desafios enfrentados, os obstáculos vencidos. Toda sua trajetória para se consolidar como modalidade de ensino e ter a consciência de que essas conquistas não aconteceram da noite para o dia, foram resultados de anos de lutas, inúmeros debates, conferências, encontros e de pessoas que acreditaram e lutaram para a consolidação da EJA.

E a luta também é para que esse profissional não apenas passe pela EJA, mas que deixe suas contribuições positivas e valorização para essa modalidade. Para que isso aconteça ele deve estar disposto a buscar o mínimo de conhecimento necessário para sua atuação, respeitando as diferentes realidades e especificidades que fazem parte desse processo diferenciado de ensino-aprendizagem.

Freire (1997) alega que quando conhecemos o conhecimento, este provém do ensino, do aprendizado com a docência. Mas para produzirmos o conhecimento, este virá à tona através da pesquisa, da curiosidade, de se informar, de ir atrás do desconhecido, de indagar e diligentemente empregar meios para chegar ao conhecimento da verdade. “(...) toda docência implica pesquisa e toda pesquisa implica docência” (FREIRE, 1997, p. 192).

Para se obter conhecimento é preciso tempo, dedicação e disponibilidade para a mudança. Toda a luta para chegar até aqui não pode se resumir as letrinhas, palavrinhas e as atividades sem contextos, para nenhum público da educação brasileira e as destinadas as crianças.

4.4 Práticas pedagógicas no contexto presencial

O estágio curricular é, normalmente, o primeiro momento em que os estudantes dos cursos de Licenciatura se inserem no ambiente escolar. Nesse momento, não mais no papel de alunos, mas como professores, e esse fato gera muitas dúvidas e insegurança para quem está iniciando sua vida como futuro docente.

Pimenta e Gonçalves (1990) “consideram que a finalidade do estágio é propiciar ao aluno uma aproximação à realidade na qual atuará”. Pois é na prática que ele vai de fato vê como funciona o sistema. “É importante observar que a prática sempre esteve presente na formação do professor”. (Pimenta, 1994, p.23).

Segui um projeto didático que planejei para dois dias, com o tema “Motivação e Diversidade Cultural”. Trabalhei as disciplinas de Português, Matemática e História. Todas foram trabalhadas de maneira lúdica, em que a participação dos alunos e os resultados foram significativos. Diante dessa concepção de educação, em que a ludicidade e a participação fazem parte do projeto educativo, é que procurei dentro da minha prática de estágio empregar e trabalhar com essas formas metodológicas, pois acredito que o conhecimento é construído com a interação das partes, professor e aluno, trabalhando juntos para aquisição de conhecimento.

Tendo em vista minha parte como aluna no estágio, gostaria de destacar as práticas pedagógicas inseridas para esse público, problematizando e refletindo algumas questões. Comecei a interagir com a turma, ajudá-los em algumas atividades tirando dúvidas, a corrigir exercícios, para assim me familiarizar com o ambiente, pois o meu objetivo desde o início era mostrar para eles que eu estava ali para ajudá-los em seu desenvolvimento e no seu progresso.

Os professores da escola, em especial a professora da sala onde estava sendo realizado o estágio, mostraram-se a todo momento dispostos a colaborar no meu processo de aprendizagem, mas ao observar as práticas pedagógicas vi que a mesma professora que ensinava na turma da EJA, era a mesma que lecionava nos anos

iniciais do ensino fundamental na educação básica, logo, ao planejar suas aulas, ela aproveitava o mesmo planejamento, os mesmos conteúdos e ia modificando, ou adaptando para sua turma noturna, bem como, com as atividades, havia uma prática infantilizada em suas metodologias e didáticas.

A partir das visitas de observação e participação, comecei a analisar o andamento da turma, como se dava a rotina de estudos e a metodologia usada pela professora, como citado anteriormente, para que a partir desses momentos na escola pudessemos planejar o projeto didático, atenta para não cometer algumas coisas que considerava um equívoco. De acordo com Moretto e Feitoza (2017, p.110):

“Planejar é organizar ações. Essa é uma definição simples, mas que mostra uma dimensão da importância do ato de planejar, uma vez que o planejamento deve existir para facilitar o trabalho tanto do professor como do aluno. O planejamento deve ser uma organização das ideias e informações.”

Um bom planejamento traz segurança ao professor, e exige tempo e dedicação. Não se trata de chegar na sala de aula e trabalhar com o improviso. É preciso estabelecer metas e objetivos a serem alcançados. Durante a observação pude perceber algumas atitudes docentes ligadas a isso, o que acabava sendo “improviso”.

Em trabalho conjunto com a professora da turma, começamos a pensar numa temática para que eu pudesse trabalhar em minhas regências. Ela me sugeriu trabalhar o tema Motivação. Pelo fato de que mesmo ainda estando no início do ano, a presença dos alunos diminuía a cada dia - em uma turma de 33 alunos, a frequência média era de 13 alunos, trazendo fortemente a questão da evasão à tona. A professora da turma começaria um Projeto Pedagógico na Escola com o tema Racismo, então ela pediu para eu tentar inserir também a temática no meu Projeto Didático.

Após esses momentos de observação, participação e definição da temática, voltei às aulas na universidade e comecei, junto com a professora da disciplina, a construção do projeto didático, que até sua conclusão, foram dadas orientações por parte da professora para o seu desenvolvimento, para que chegássemos a um projeto com objetivos que pudessem ser alcançados.

Segundo Moço (2011, p.52), “um bom projeto é aquele que indica intenções claras de ensino e permite novas aprendizagens relacionadas a todas as disciplinas

envolvidas”. Para que um projeto alcance as metas propostas, precisamos pensá-lo com base na realidade do contexto no qual ele será aplicado. Precisamos saber as necessidades da turma que precisam ser trabalhadas, para que assim possamos traçar objetivos claros e significativos.

O estágio nos oferece essa oportunidade de conhecer a realidade dentro do contexto escolar e a partir dessas experiências nos munir de ferramentas adequadas, para conseguir aliar a teoria aprendida durante o curso à prática. Esse sem dúvidas é um dos grandes desafios que enfrentamos como estudantes de uma licenciatura.

Segundo Metz (2010, p.11), “a preparação acadêmica deve ser alicerçada na teoria e na prática, elementos que possibilitam o saber, mas também o saber fazer, ou seja, um sujeito capaz de tomar decisões com consistência teórica. ”.

A teoria sozinha não é suficiente, como também a prática sozinha não é. Temos que saber aliar essas duas vertentes, para assim desenvolvermos um trabalho eficaz. Pois a teoria completa a prática e a prática completa a teoria. O pedagogo deve se basear na teoria para fundamentar a sua prática.

Assim, a aprendizagem torna-se significativa para os integrantes do ato educativo quando professor, aluno e conhecimento vivenciam uma relação dialética no ensino, mediada pelo diálogo, criticidade e criatividade, interpostos em sala de aula. Segundo Saviani (2007), os métodos devem favorecer o diálogo, estimular a atividade, a iniciativa, o interesse e o ritmo de aprendizagem dos alunos. É papel da escola como entidade de ensino preparar os alunos e transformá-los em cidadãos críticos e participativos.

A escola e o estágio nos proporcionam essas ricas experiências, pois a escola é um lugar em que cabe formas diferentes de compreender o mundo, em que os alunos e professores interagem na construção do saber. Um lugar em que conhecer é aprender a vida em seus diversos aspectos.

Vejo o estágio como um instrumento fundamental para construção do indivíduo em seu processo de formação, pois nos possibilita entrar em contato com o dia-a-dia de uma sala de aula, de como o professor direciona o processo de ensino aprendizagem, a sua relação como os alunos.

É uma etapa imprescindível para o profissional estar apto a exercer sua função como educador. É nesse momento que o futuro profissional tem oportunidade de entrar em contato direto com a realidade no qual será inserido e dialogar com

profissionais mais experientes. É necessário fazer como recomenda Santos (2008, p.65): “provocar a sede” de aprender, problematizando o conteúdo, tornando-o interessante e não tirar o sabor da descoberta dando respostas prontas. Uma das primeiras condições para ser professor é dominar com segurança o conteúdo a ser trabalhado, pois somente assim será possível planejar aulas realmente interessantes, instigantes, que provoquem a turma a buscar respostas.

É o aluno participando do processo de ensino aprendizagem e não sendo apenas um receptor de conhecimento, pois ele tem muito a contribuir no desenvolvimento e andamento das aulas.

4.5 Práticas pedagógicas no contexto remoto

O objetivo deste tópico é refletir sobre a qualidade das práticas pedagógicas que foram oferecidas, a partir da organização do trabalho escolar da Escola Municipal de Ensino Fundamental Jornalista Raimundo Nonato Batista, localizada no bairro de Gramame, em João Pessoa, Paraíba, especificadamente no Ciclo 1, no contexto de pandemia da Covid-19 no Brasil.

Através da disciplina de estágio supervisionado V, na Universidade Federal da Paraíba, pude presenciar como funcionaram as práticas pedagógicas durante esta fase na educação que nos mostrou o quão foi e é excludente, agravando a qualidade da educação pública e a desigualdade educacional, em razão de não garantir a aprendizagem, a qualidade e o direito e/ou a igualdade de acesso à educação e a instrumentos mediadores para todos os estudantes. A seguir relatarei como deu-se o processo das práticas pedagógicas adotadas por esta escola, bem como refletir criticamente sobre a situação e as contribuições referidas a mim neste processo.

Situando a organização da escola: Com a medida de isolamento social adotada como meio de controle e contenção à propagação da Covid-19, assim como meio de evitar um possível colapso da saúde pública brasileira, as escolas iniciaram a suspensão de suas atividades presenciais a partir de março de 2020. Em abril, o CNE, por meio do Parecer Nº 5/2020, posicionou-se dizendo que as atividades pedagógicas não presenciais serão computadas para fins de cumprimento da carga horária mínima anual.

O órgão destacou que essas atividades podiam ser desenvolvidas por meios digitais, que seriam elas: vídeo-aulas, conteúdos organizados em plataformas virtuais de ensino e aprendizagem, redes sociais, correio eletrônico, blogs, entre outros. Por meio de programas de televisão ou rádio; pela adoção de material didático impresso com orientações pedagógicas distribuído aos alunos e/ou seus pais ou responsáveis; e pela orientação de leituras, projetos, pesquisas, atividades e exercícios indicados nos materiais didáticos (BRASIL, 2020c). Claro que embasadas na orientação do Ministério da Educação (MEC):

Neste período de afastamento presencial, recomendou-se que as escolas orientassem alunos e famílias a fazer um planejamento de estudos, com o acompanhamento do cumprimento das atividades pedagógicas não presenciais por mediadores familiares (BRASIL, 2020c, p. 9).

Tendo em vista a especificidade da escola tratada, houve o processo de começar a implantação do sistema remoto, através das plataformas adotadas por algumas escolas, universidades. Há o entendimento de que o ensino remoto ou a educação remota configura-se como as práticas pedagógicas mediadas por plataformas digitais (ALVES, 2020).

As plataformas digitais que foram inseridas a princípio não tiveram nenhum resultado. Não houve nenhuma resposta do público ao qual eram destinadas: os jovens e adultos, por diversos motivos. Então através de reuniões e planejamentos foi resolvido que na prática, o ensino remoto não funcionaria através das plataformas digitais como: aplicativos de reuniões, vídeo chamada, porque a internet em alguns locais não é de qualidade. As aulas, então, passariam a funcionar com o grupo de WhatsApp, que é um aplicativo, que a maioria dos estudantes possuía no celular. Quando postadas as aulas, os alunos poderiam ver, de acordo com a disponibilidade de tempo.

Assim, a professora da turma fez um grupo no WhatsApp com todos os alunos matriculados, e planejou da seguinte forma: Durante três dias na semana ela enviava áudios relacionados a explicação dos conteúdos e das atividades. Durante dois dias da semana, ela fazia ligações por vídeo chamada, para manter o contato visual entre a turma, saber como estavam e aproveitava para a explicação de algum conteúdo, ou tirar alguma dúvida relacionado aos outros dias da semana e também explicitava qual atividade seria realizada para aquele dia.

Relacionado as atividades, eram preparadas pela professora todas as atividades que seriam realizadas ao longo da semana. As atividades eram impressas pela escola e ficavam à disposição dos alunos para que eles se dirigissem até a escola, pegassem e ficassem atentos nas orientações que seriam disponibilizadas no grupo de WhatsApp. Para correção das atividades, os alunos enviavam a foto para o grupo e a professora ia corrigindo e tirando as dúvidas.

Vale ressaltar que mesmo “facilitando” o ensino aprendizagem por meio desse aplicativo, ainda assim os retornos das atividades eram bem escassos, bem como o atendimento das ligações por vídeo chamada, sendo então mais bem acolhido os áudios explicativos.

De acordo com as respostas da gestora e da professora da turma, acerca dos perfis socioeconômicos e educacionais dos estudantes, em sua grande maioria exercem atividades diárias como agricultores, domésticas, aposentados, diaristas, donas de casa, trabalhadores do comércio formal e informal, granjeiros e beneficiários do programa bolsa família. No contexto educacional, a sua totalidade está no processo de conclusão do ensino fundamental I. ou até mesmo no início do processo de alfabetização. As principais dificuldades da comunidade durante esse período são: a) O acesso a uma boa internet (tendo em vista o sinal ser muito fraco); b) O acesso às plataformas digitais; c) Aparelhos que possibilitem tais atividades; d) conciliar as atividades laborais com as atividades escolares; e) O manuseio dos recursos disponibilizados.

É inegável que houve muitas dificuldades para os alunos sim, mas também uma sobrecarga dos professores. O desenvolvimento de atividades de ensino remoto acarretou formas diferentes de trabalho e demandou novas habilidades dos professores. Diante das dificuldades e desafios desse contexto, obtive grandes aprendizagens na escola, bem como pude presenciar a tamanha irresponsabilidade educacional para este público tão esquecido.

De início, aprendi como lidar com os desafios diante da novidade do ensino remoto. Como comentado pela professora, não foi dado nenhum tipo de aparato tecnológico. Os mesmos que estão sendo utilizados pelas escolas e universidades, não foram de utilidade para eles, devido a indisponibilidade de internet, tendo em vista a localização de suas moradias e recursos tecnológicos limitados, como por exemplo:

Na maioria dos casos, mães e pais de família que disponibilizam seus aparelhos para seus filhos e assim por diante.

É sabido que a evasão na EJA é uma das questões mais sérias apontados como dificuldade presencialmente, que dirá no ensino remoto? Pude presenciar como lidar e compartilhar a experiência de como lidar com essas questões, sentir na pele o que é ser didático e metodológico o suficiente para gerar ensino aprendizagem e mantê-los na escola.

Alfabetizar e letrar jovens e adultos é uma responsabilidade que nos traz como consequência uma imensa satisfação, apesar da romantização, que não é fácil, fiquei deslumbrada com o processo de interação, participação, aprendizagem, dúvidas. Aprendi sobre algumas metodologias utilizadas pela professora para chegar no seu objetivo final, que é o ensino-aprendizagem. Tais como: O método construtivista, sócio interacionistas e tradicional (quando se trata do método silábico e fonêmico). Foi tratado e vivenciado em como dosar os métodos para que haja uma boa experiência. Aprendi quais atividades devem ser utilizadas para as disciplinas estudadas, tudo isso remotamente e a distância.

De acordo com Tardif e Raymond (2000, p.209) “A inserção numa carreira é um momento importante, pois marca o início da socialização profissional e é nesse processo que o saber ser e o saber fazer são incorporados pelos futuros professores”.

É usar o conhecimento para resolver problemas e ter criatividade para resolver não só problemas, mas para criar novas ideias, é saber agir com responsabilidade e conhecimento de causa. E para compreender melhor essa prática dialógica, Freire (2005, p. 91) acrescenta que:

[...], o diálogo é uma exigência existencial. E, se ele é o encontro em que se solidarizam o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar ideias de um sujeito no outro, nem tampouco tornar-se simples troca de ideias a serem consumidas pelos permutantes (FREIRE, 2005, p. 91).

Temos que buscar compreender a dimensão do diálogo como postura necessária em nossas aulas. Com isso estaremos conquistando muitos avanços em relação aos alunos, pois desse modo, sentir-se-ão mais curiosos e mobilizados para transformarem a realidade. Quando o professor atua nessa perspectiva, ele não é visto como um mero transmissor de conhecimentos, mas como um mediador, alguém capaz de articular as experiências dos alunos com o mundo, levando-os a refletir sobre seu entorno, assumindo um papel mais humanizador em sua prática docente.

5. MÉTODO

5.1 DELINEAMENTO

Trata-se de um estudo de campo, de natureza qualitativa e caráter exploratório. Conforme as perspectivas abordadas, é necessário caracterizar a pesquisa quanto aos objetivos, aos procedimentos e à abordagem do problema. Conforme compreendemos a Educação Emancipadora, de base Freireana, pode contribuir com um caminho mais acertado para a Educação de Jovens e Adultos, visando a formação de um educador comprometido com o ensino que leve em consideração o meio no qual o aluno está inserido, suas especificidades e também a troca de experiências, tratando o aluno como sujeito da educação e não como um objeto.

Queremos uma escola capaz de trabalhar um currículo significativo, preparada para que o ensino e a aprendizagem de fato se efetivem, e que a proposta político-pedagógica esteja alicerçada a uma pedagogia crítica, capaz de desafiar o educando a pensar criticamente a realidade social, política e histórica do meio no qual está inserido.

Segundo Paulo Freire (1996, p.47) “Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”. Freire acreditava que o aprendizado se dá pela troca de experiências e que o professor não é o detentor do conhecimento e sim apenas o mediador.

Quanto aos objetivos, a pesquisa é classificada como exploratória pois se utilizou de estudos bibliográficos para fundamentar o tema, Conforme leciona Gil (1991), objetivam facilitar familiaridade com o problema objeto da pesquisa, para permitir a construção de hipóteses ou tornar a questão mais clara.

Quanto aos procedimentos, a pesquisa se caracteriza como abordagem qualitativa. Optou-se por esta abordagem pois, a flexibilidade constitui-se como marca no que se refere às técnicas de coleta de dados, bem como à sua interpretação. No entanto, a pesquisa qualitativa também pode ser definida, de modo geral, como a análise de microprocessos, através do estudo das ações sociais individuais e grupais, permitindo, por isso, uma compreensão mais ampla e clara sobre o objeto de investigação”. Segundo Michaliszyn e Tomasini (2005, p. 57):

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares, preocupando-se com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Trabalha com o universo dos significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes. A abordagem qualitativa, ao contrário da quantitativa, aprofunda-se no mundo dos significados das ações e relações humanas.

Realizando um exame intensivo dos dados, tanto em amplitude quanto em profundidade, os métodos qualitativos tratam as unidades sociais investigadas como totalidades que desafiam o pesquisador. (MARTINS, 2004, p.292)

No âmbito escolar, observei a prática docente, como os professores prepararam (planejamento), como aplicaram suas aulas (metodologias), suas motivações e formação acadêmica, através dos estágios realizados pela universidade.

5.2 PARTICIPANTES

Para o presente estudo, participaram 10 professores, destes 70% do gênero feminino e 30% do masculino, todos devidamente concursados de escolas públicas. O universo da pesquisa é caracterizado por professores de duas escolas, uma estadual e outra municipal de João Pessoa, no contexto presencial de modo mais específico nas turmas dos ciclos I da EJA, na referida escola, que pertence à rede estadual da Paraíba, no município de João Pessoa. E também na Escola Municipal de Ensino Fundamental Jornalista Raimundo Nonato Batista, especificamente na turma do Ciclo I da EJA, também do município de João Pessoa, porém no contexto remoto, como também na Escola Municipal de Ensino Fundamental Jornalista Raimundo Nonato Batista, especificamente na turma do Ciclo I da EJA, também do município de João Pessoa, porém no contexto remoto.

5.3 INSTRUMENTOS

De acordo com os objetivos acima descritos e visando coletar um número significativo de respostas, foi elaborado um questionário semi-estruturado, o qual interessava-se em conhecer as práticas pedagógicas docentes na EJA. Este questionário foi composto por 13 questões, sendo quatro abertas, uma de múltipla escolha e nove com opções de resposta: “Sim”, “Não” e “Talvez”. A coleta de dados aconteceu de modo virtual.

5.4 PROCEDIMENTO

Para o procedimento de coleta de dados foi aplicado uma entrevista as professoras atuantes na EJA, nas escolas na qual fui direcionada para vivenciar o estágio, na cidade de João Pessoa. Diante dos resultados desenvolvidos, iremos discutir um pouco sobre algumas práticas pedagógicas.

Foram coletadas informações, por meio das entrevistas e visitas de observação, que deram base para um melhor entendimento do que foi proposto no objetivo geral: Investigar as práticas pedagógicas das professoras do ciclo I de duas escolas, no contexto presencial e remoto. A pesquisa foi desenvolvida com base em observações em, nas quais fui estagiária, como também aplicação de uma entrevista a três professores, incluindo os profissionais que foram meus supervisores no estágio, todas atuantes no ciclo I da EJA. Além das entrevistas, foi aplicado um questionário, para 10 professores que atuam na EJA, para contribuir com a pesquisa foi feita análise de dados dos resultados, bem como a reflexão das respostas.

5.5 ANÁLISES DE DADOS

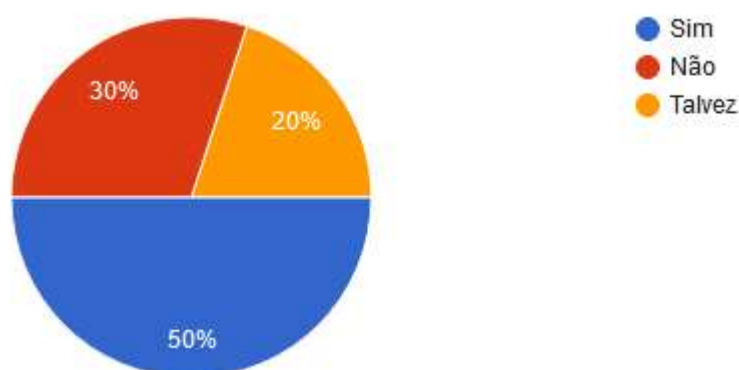
Os dados foram analisados utilizando como critério a frequência das respostas dos participantes e conteúdo extraído de suas respostas durante a entrevista.

6. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Sobre os resultados do questionário que foi aplicado foram aos demais profissionais da EJA, vejamos algumas questões e gráficos correspondentes ao questionário. Inicialmente, para abordar o aspecto pessoal, foi utilizada como parâmetro as questões 1, 2, 3, 4 e 5. Por isso, iniciaremos a análise de dados a partir da questão 6. As questões fechadas foram representadas através de gráficos e as abertas serão trazidas em forma de porcentagem e reflexão.

Gráfico 1 – Atividades infantilizadas

Questão 6: Você já utilizou alguma atividade direcionada para crianças em sua turma de EJA?



Fonte: Dados da Pesquisa, 2021

Questão 7: Como planeja as atividades para realizar na EJA?

As respostas foram bem diversificadas, vale a pena inserir cada uma delas. Interessante que alguns professores não responderam como de fato ocorre o planejamento, por isso a importância da formação de professores específicos, para um público específico, também como um bom planejamento, afeta uma boa dinâmica de aula.

Professor (a) 1: A primeira coisa que faço quando pego uma turma é conhecer cada aluno e o que eles têm em comum, a partir de então me apodero de temas sociais que atendam às suas necessidades e correlaciono com a grade curricular exigida pelo município, gosto de fazer uso de jogos pedagógicos, vídeos, roda de conversas, pesquisa, entrevistas, entre outros.

Professor (a) 2: Baseado em leituras da área, pesquisa na internet em trabalhos semelhantes ao tema e além do planejamento anual da escola, planejo as atividades mensalmente baseado nos temas a serem trabalhados.

Professor (a) 3: De acordo com o nível de aprendizagem da turma, usando atividades que possam misturar o conteúdo com funções práticas do dia a dia.

Professor (a) 4: Utilizo sempre a aula dialógica, respeitando sempre os saberes que os estudantes já trazem com eles.

Professor (a) 5: Através de referências teóricas, como Paulo freire, conhecendo cada aluno individualmente.

Professor (a) 6: Conforme a realidade dos discentes. As condições da unidade escolar.

Professor (a) 7: A partir do momento que conheço minha turma e meus alunos
Professor (a) 8: Com base nas especificidades e necessidades dos alunos
Professor (a) 9: Conhecendo suas especificidades.
Professor (a) 10: Através de auxílios teóricos.

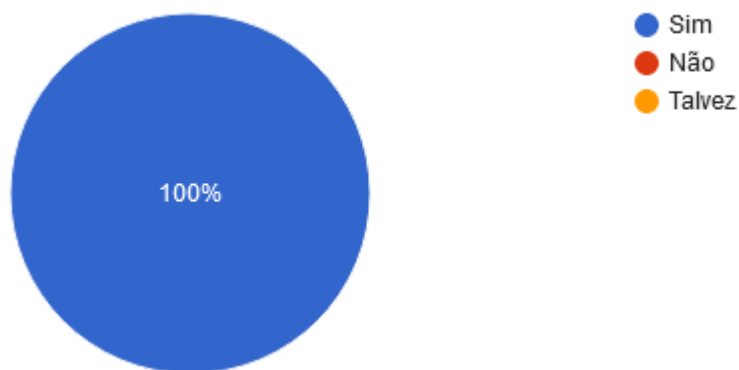
Questão 8: Qual ou quais propostas metodológicas de alfabetização você utiliza?

Cerca de 50% dos professores utilizam as metodologias freireanas, voltadas para a construção do conhecimento, letramento, trazendo a realidade e o cotidiano dos alunos como instrumento de aprendizagem, uma pedagogia pautada autonomia, diálogo e relacionamento. Cerca de 30% dos profissionais utilizam metodologias diversas, ponderando a especificidade da turma. Cerca de 20% utilizam o método silábico, ensino tradicional, aprendendo através das sílabas.

As questões 9, 10 e 11 obtiveram os mesmos resultados:

Gráfico 2 – Processo de alfabetização

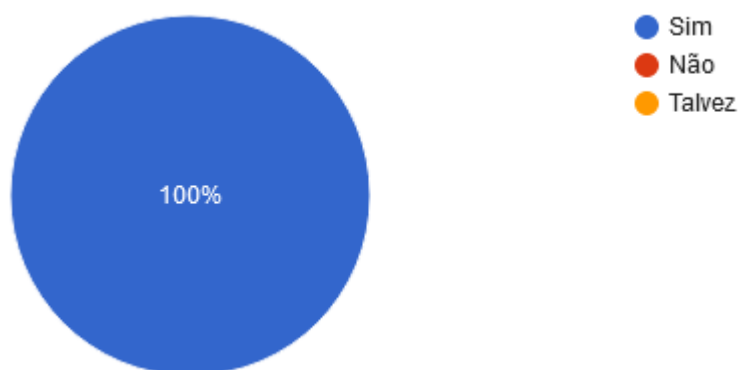
Questão 9: Há diferença do processo de alfabetização com crianças e da Educação de Jovens e Adultos?



Fonte: Dados da Pesquisa, 2021

Gráfico 3 – Ideais Freireanos

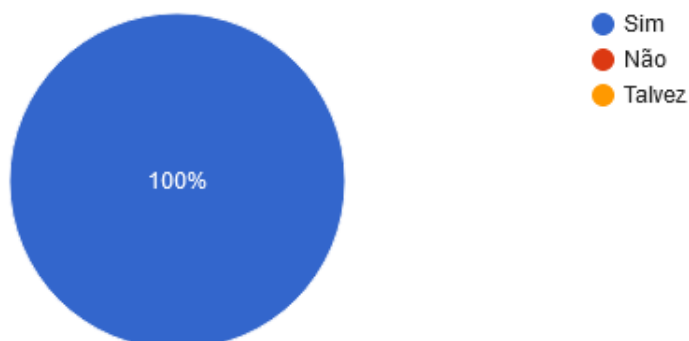
Questão 10: Você concorda com os ideais de Paulo Freire para educação?



Fonte: Dados da Pesquisa, 2021

Gráfico 4 – Especificidades dos alunos

Questão 11: Você respeita as especificidades de seus alunos da EJA?



Fonte: Dados da Pesquisa, 2021

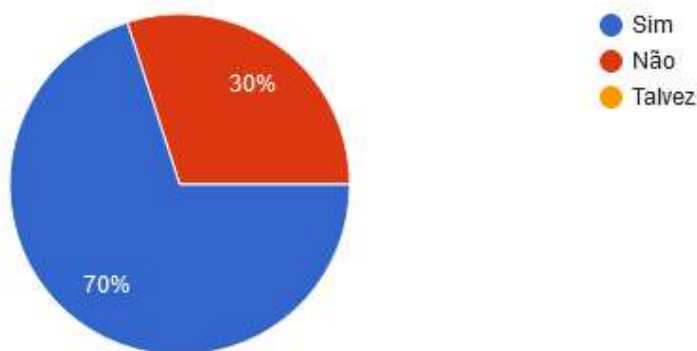
Questão 14: Quais práticas pedagógicas foram utilizadas no contexto remoto?

90% dos participantes responderam que as suas práticas pedagógicas envolviam Grupo de WhatsApp – de forma síncrona e assíncrona; Vídeo aulas gravadas por eles e algumas encontradas na internet que se adaptavam bem a proposta do objeto de conhecimento e que os alunos poderiam assisti-la a qualquer momento, play games, áudios, imagens. Sobre as atividades: Questionários Google

Forms, atividades em pdf, para fazerem no caderno Atividades impressas que iam pegar na escola em dias marcados. Apenas 10% não atuaram remotamente.

Gráfico 5 – Ensino Remoto

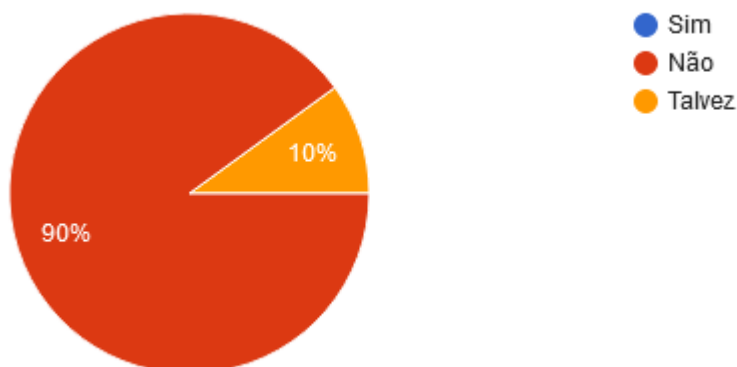
Questão 12: Você lecionou no ensino remoto?



Fonte: Dados da Pesquisa, 2021

Gráfico 6– Recursos tecnológicos

Questão 13: Foi disponibilizado pela escola algum recurso tecnológico?



Fonte: Dados da Pesquisa, 2021

Questão 15: Qual a diferença das práticas presencialmente e remotamente?

Quando questionados acerca das diferenças entre as práticas pedagógicas de forma presencial e remota, 90% dos professores respondeu que a principal diferença está na interação da turma, tanto nas atividades, quanto no interpessoal, pois no presencial ocorre de forma mais espontânea o que facilita o desenvolvimento dos

alunos, enquanto que no remoto, além da falta do domínio com a tecnologia, existe outros fatores que interferem no processo da aprendizagem de forma intensa, como a falta de uma internet de qualidade, aparelhos para uso, dentre outros. Apenas 10% não atuaram remotamente.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho possibilitou, diante de informações levantadas durante a pesquisa, rever alguns aspectos da EJA, tais como: Refletir quem são esses sujeitos, trazer a pedagogia de Freire como suporte para as experiências da pedagogia do oprimido, a formação de professores e a relatividade com as práticas pedagógicas desenvolvidas presencialmente e remotamente.

Nos permitiu identificar através das leituras necessárias para a realização da pesquisa, as características que deve possuir o professor que atua ou deseja atuar na EJA, a importância do respeito ao conhecimento que o aluno traz de seu dia-a-dia, a grande importância de um planejamento distinto para essa modalidade diferenciada.

Compreendemos que deve haver uma diferença no tratamento para com a EJA para em relação às outras modalidades, no tocante ao planejamento e também com respeito às práticas pedagógicas], pois ficou evidente que com os dados obtidos na pesquisa, vimos o quanto é preciso mudar as práticas desenvolvidas em alguns casos, visto que a minoria dos professores respondeu que não utilizou atividades infantilizadas, podemos ver um despreparo na educação enquanto formação de professores.

Também devemos nos atentar sobre os resultados que trouxeram a falta de preparo das próprias escolas, pois as práticas são alinhadas com todos, como por exemplo a falta de recursos disponibilizados no enfrentamento de uma EJA a distância.

Essa constatação se deve à análise dos dados da pesquisa, através do questionário e entrevista, bem como das observações sistemáticas que foram feitas com o intuito de identificar as práticas pedagógicas no contexto presencial e remoto, discutindo as diferentes realidades, no caso específico, nas salas do ciclo I de duas escolas de João Pessoa/PB.

Há muito ainda a ser feito até conseguirmos empreender uma Educação de Jovens e Adultos que de fato proporcione uma educação que contribua para o

crescimento do indivíduo e sua participação na sociedade como sujeito crítico e reflexivo, capaz de compreender o seu lugar, bem como garantir esse direito sobre o poder da igualdade.

Enfim, o que se pretende com a educação de jovens e adultos é dar oportunidade igual a todos e respeitar as especificidades desse público distinto, não os tratando, em hipótese alguma, com práticas infantilizadas que não dialogam com a faixa etária em que se encontram e com suas histórias de vidas, tão ricas de conhecimentos.

O objetivo geral do meu trabalho que era o de Investigar as práticas pedagógicas das professoras do ciclo I no contexto presencial e remoto, posso dizer que foi alcançado. Além da investigação, pude comparar as duas realidades e discutir sobre as práticas de forma reflexiva e crítica.

Esse trabalho foi bastante relevante para minha formação acadêmica, pois me permitiu conhecer mais detalhadamente o que se passa dentro da sala de aula da EJA, em diferentes contextos. Confesso que eu conhecia superficialmente, e a pesquisa ampliou minha visão e me fez compreender a importância dessa área de conhecimento e a grande relevância que uma formação adequada poderia proporcionar para um trabalho mais satisfatório com esses jovens e adultos que já foram tão desvalorizados e muitas vezes deixados à margem da sociedade.

REFERÊNCIAS

ALVES, F. Psicomotricidade: corpo, ação e emoção. RJ: Wak, p.8, 2003.

ALVES, L. Educação Remota: entre a ilusão e a realidade. **Interfaces Científicas**, v.8, n.3, p. 349-361, 2020. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/educacao/article/view/9251/4047>. Acesso em: 08 set. 2021.

ARROYO, M. G. Educação de jovens-adultos: um campo de direitos e de responsabilidade pública. In: SOARES, L.; GIOVANETTI, M. A. G. C.; GOMES, N. L. (Orgs.). Diálogos na educação de jovens e adultos. Belo Horizonte: Autêntica, p. 19-50, 2005. Disponível em: <https://www.webartigos.com/artigos/educacao-de-jovens-e-adultos-um-campo-de-direitos-e-de-responsabilidade-publica-sintese-do-texto-de-miguel-arroyo/72679>. Acesso em: 09 out. 2021.

BANNEL, R. Formação discursiva do professor e a (re) construção crítica do saber pedagógico, In. Movimento: **Revista da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense**, n. 4, 2001. Disponível em:

<https://periodicos.uff.br/revistamovimento/article/view/32434>. Acesso em: 20 out. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei n. 9.394/96. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm. Acesso em: 08 nov. de 2020.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos**. Brasília, MEC/SEF/COEJA, 2000. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CEB012000.pdf>. Acesso em: 12 set. 2021.

CARRANO, P. C. R. Educação de Jovens e Adultos e Juventude: o desafio de compreender os sentidos da presença dos jovens na escola da “segunda chance”. **Revista REVEJA** (UFMG), 2007. Disponível em: http://www.emdialogo.uff.br/sites/default/files/educacao_de_jovens_e_adultos_e_juventude_-_carrano.pdf. Acesso em 28 out. 2021.

CUNHA, L. F. F.; SILVA, A. de S.; SILVA, A. P. O ensino remoto no Brasil em tempos de pandemia diálogos acerca da qualidade e do direito e acesso à educação. **Revista Com Censo: Estudos Educacionais do Distrito Federal**, Brasília, v. 7, n. 3, p. 27-37, ago. 2020. Disponível em: <http://www.periodicos.se.df.gov.br/index.php/comcenso/article/view/924>. Acesso em: 19 out. 2021.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia** – Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, p.85-192, 1996.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 42. ed., 2005.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 17a. edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. Disponível em: <https://cpers.com.br/wp-content/uploads/2019/10/Pedagogia-do-Oprimido-Paulo-Freire.pdf>. Acesso em: 08 out. 2021.

FREIRE, P. **Professora sim, tia não**: cartas a quem ousa ensinar. São Paulo: Olho D'Água, 1997.

GATTI, B. A formação de professores e carreira: problemas e movimentos de renovação. Campinas, SP: Autores Associados, 1997. Disponível em: <http://publicacoes.fcc.org.br/ojs/index.php/cp/article/view/1890>. Acesso em: 21 set. 2021.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo. Atlas. 1991.

JESUS, C. M. de J. **Quarto de Despejo**. São Paulo: Ática, 2019. Disponível em: 1960 - Quarto de despejo - Carolina Maria de Jesus..pdf - Google Drive. Acesso em: 25 set. 2021.

LIBÂNEO, J. C. Didática. São Paulo: Cortez, 1994. Disponível em: https://www.professorrenato.com/attachments/article/161/Didatica%20Jose-carlos-libaneo_obra.pdf. Acesso em: 20 set. 2021.

MARTINS, H. S. Metodologia qualitativa de pesquisa. São Paulo: **Educação e pesquisa**, v.30, n.2, p.289-300, 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/4jbGxKMDjKq79VqwQ6t6Ppp/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 23 set. 2021.

METZ, M. C. Estágio supervisionado: anos iniciais do Ensino Fundamental. In: Faculdade Educacional da Lapa (Org). Estágio supervisionado: da docência à gestão na educação básica. Curitiba: Editora Fael, P. 83-183, 2010.

MICHALISZYN, M. S.; TOMASINI, R. Pesquisa: orientações e normas para elaboração de projetos, monografias e artigos científicos. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

MORETTO, M.; FEITOZA, C. J. A. Tecnologias e educação: Desafios e possibilidades. Paco e Littera, 2017.

OLIVEIRA, I. B. Reflexões acerca da organização curricular e das práticas pedagógicas na EJA. **Educar**. Editora UFPR. Curitiba: n.29, p. 83-100, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/hFjkmDxbZLwGBdLx8R4XhgS/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 06 set. 2021.

PAIVA, J.; SALES, S. R. Contextos, perguntas, respostas: o que há de novo na educação de jovens e adultos? Arquivos Analíticos de Políticas Educativas, v. 21, n. 69, 2013. Disponível em: <http://cremeja.org/a7/wp-content/uploads/2019/08/contextos-perguntas-respostas-o-que-ha-de-novo-na-eja-jane-paiva-e-sandra-regina-sales.pdf>. Acesso em: 02 nov. 2021.

PEDROSO, S. G. Dificuldades encontradas no processo de educação de jovens e adultos. In: **I Congresso Internacional da Cátedra Unesco de Educação de Jovens e Adultos**, 2010. Disponível em: <http://www.catedraunescojea.org/GT05/COM/COM019.pdf>. Acesso em: 10 out. 2021.

PIMENTA, S. G.; GONÇALVES, C. L. Revendo o ensino de 2º grau: propondo a formação de professores. (Coleção Magistério – 2º Grau). 2ª. Ed. São Paulo: Editora Cortez, 1990.

PIMENTA, S. G. O estágio na formação de professores-unidade teoria e prática? São Paulo: Cortez, 1994.

PINTO, A. V. **Sete Lições sobre a Educação de Adultos**. São Paulo: Cortez, 1987.

RIBAS, M. S.; SOARES, S.T. Formação de Professores para atuar na Educação de Jovens e Adultos: uma reflexão para o desenvolvimento e aperfeiçoamento da

prática docente, p. 01–16, 2012. Disponível em:
https://www.researchgate.net/publication/329968963_DESAFIOS_DA_FORMACAO_DOCENTE_DE_EDUCADORESAS_DE_JOVENS_E_ADULTOS_-_UM_ESTUDO_DE_CASO. Acesso em: 27 out. 2021.

SAVIANI, D. Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos. Campinas: **Revista Brasileira de Educação**, v. 12 n. 34, p. 152- 180, 2007. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/rbedu/a/wBnPGNkvstzMTLYkmXdrkWP/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em 04 out. 2021.

SOEK, A. M.; HARACEMIV, S. M. C.; STOLTZ, T. Mediação pedagógica na alfabetização de jovens e adultos. Curitiba: Positivo, p. 07-41, 2010.

TARDIF, M.; RAYMOND, D. Saberes, tempo e aprendizagem do trabalho no magistério. Educação e Sociedade. Campinas: UNICAMP, ano XXI, nº 73, dez, 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v21n73/4214.pdf>. Acesso em 11 set. 2021.

APÊNDICE



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

QUESTIONÁRIO DE ENTREVISTA

Nome da escola que trabalha

Forma de ingresso: Contrato () Concurso ()

Ciclo que leciona:

Nome:

Sexo: Masculino () Feminino ()

Formação:

Graduação:

Pós- graduação:

1. Há quanto tempo leciona?

() 1 ano

() Mais de 2 anos

() 5 anos

() Mais de 5 anos

() Mais de 10 anos

2. Há quanto tempo leciona na EJA?

() 1 ano

() Mais de 2 anos

() 5 anos

- ☐ Mais de 5 anos
- ☐ Mais de 10 anos

3. Há quanto tempo trabalha nessa unidade escolar?

- ☐ 1 ano
- ☐ Mais de 2 anos
- ☐ 5 anos
- ☐ Mais de 5 anos
- ☐ Mais de 10 anos

4. Você lecionou nos diferentes contextos, presencial e remoto? Quais as principais dificuldades apresentadas no exercício da profissão?

5. Como planeja as atividades para realizar na EJA? E quais as metodologias utilizadas?

6. As atividades desenvolvidas, são elaboradas pela professora da turma ou tem material didático?

7. Os alunos são participativos na realização das atividades?

- ☐ Sim
- ☐ Não

8. Qual a diferença da participação no contexto remoto e presencial?

9. Já utilizou na EJA alguma atividade que era direcionada para crianças?

- ☐ Sim
- ☐ Não

10. Quais recursos foram disponibilizados durante o contexto remoto?